



(Re)criando rituais: uma investigação político-poética do materno

Viviane Gueller¹

¹ Mestra e doutora em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vigueller@gmail.com

Este projeto investiga aspectos poéticos e políticos relacionados à maternidade, situações que se produzem ao inventar-se mãe e cuidadora, a partir da instauração de um trabalho artístico. O trabalho inicia com a concepção e desenvolvimento de um *minian*¹, uma instalação artística inédita a ser montada com a coleta e elaboração poética de depoimentos de dez mulheres-mães-domésticas-trabalhadoras-etc de diferentes faixas etárias, realidades socioeconômicas, étnico-raciais e de gênero, investigando as distintas dificuldades que enfrentam em suas vidas. A proposta é compor um *minian* apenas de mulheres (re)criando um ritual judaico marcado pelo protagonismo masculino – a arte como lugar de resgate ancestral, onde as fronteiras podem ser cruzadas.

Esta pesquisa é resultado de uma imersão no universo doméstico e acadêmico, enquanto escrevia minha tese durante o isolamento imposto pela Covid-19 (2020-2021), e após o diagnóstico de câncer de mama, recebido em 2022, quando precisei me dedicar a um tratamento longo e desafiador rumo à cura. As dimensões plurais da vida estratificadas ideologicamente passaram a perder suas fronteiras – a maternidade, os cuidados de si para cuidar do outro, os cuidados com a casa e a saúde, com o trabalho de mulher-mãe-artista-doméstica-pesquisadora-etc revelaram-se como frágeis tramas que tecem o mesmo solo cotidiano, onde todos os planos da vida se desdobram simultaneamente.

Imagem-experiência

Em minha tese, abordei o conceito de imagem-experiência² - ação de colocar-me à disposição perceptiva nas cidades e, posteriormente, nos espaços onde os trabalhos foram apresentados. No exercício de criar termos que nomeassem as impressões provocadas pela observação de certos intervalos espaço-temporais nos quais a imagem ocorre carregada de experiência, surge imagem-experiência, conceito que se localiza justamente no cruzamento entre dois termos que eu vinha utilizando, que é operador da minha prática, algo que se forma dentro de si. Achado teórico nascido da experiência artística, trata-se, portanto, de um conhecimento engendrado no exercício poético.

Entre as palavras que compõem o conceito imagem-experiência, que eu busquei aproximar, não há uma relação causal, uma não subordina a outra. O termo experiência não participa como

¹ No judaísmo, *minian* refere-se ao quórum de dez homens judeus adultos necessários para uma oração pública.

² Este conceito está na minha tese de doutorado em poéticas visuais no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV-Ufrgs), 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/230139>

uma adjetivação nem define um tipo específico de imagem; o conceito composto não envolve essa ordem de subordinação, tampouco quer aludir a uma experiência que se traduz em imagem nem à possibilidade de uma imagem que penetre a experiência. São duas placas importantes que coexistem, dois substantivos igualmente potentes que vibram e alimentam o trabalho e o possibilitam ser acessado por certo viés. Percebo uma horizontalidade, uma equanimidade conceitual entre as duas palavras que se apresentam assim, aproximadas por um hífen, oferecendo um terreno que me instiga a um exercício poético.

Neste sentido, os pares de termos que venho criando funcionam como síntese e poderiam ser pensados como um haikai³ teórico. Assim como ocorre nesta poesia japonesa, na imagem-experiência também se estabelece uma relação produzida por ressonâncias internas a partir da observação perceptiva de momentos da vida cotidiana. Trata-se de uma imagem portadora de experiência, investida por suas marcas, um gesto que envolve a percepção do que ocorre em um transcorrer temporal na qual as paisagens externa e interna inter cruzam-se.

É a própria experiência reposicionada para certa lateralidade que me permite a liberação de um espaço da vida cotidiana para acolher um acontecimento. Estou na experiência, mas também ao seu lado em estado de trabalho quando lanço mão de uma câmera, um gravador ou um bloco de anotações, de modo que permaneço nesse estado sem deixar de estar na experiência, os dispositivos vão tomando parte da situação codificando-a em imagem, em escrita. Portadora do vivido, esta imagem nasce no corpo da experiência, marca, portanto, que é carregada por ela, mas também experiência que é alçada como momento prenhe de imagens⁴.

Entendo que por conta de as imagens-experiência terem ocorrido durante o período de gestação e o primeiro ano da minha filha, uma outra dimensão da minha presença passou a estabelecer-se, novas maneiras de ser atravessada pela imagem-experiência passaram a se produzir a partir do inventar-se mãe. Sob a ética do cuidado, passei a ter dificuldade em separar o tempo de matinar e de trabalhar que normalmente tendemos a segmentar entre as esferas da vida privada e pública, mas que em sua realidade vivida integram o mesmo cotidiano, a rigidez dessa segmentação se revelou porosa e ativada por uma continuidade. Ao longo da etapa final de elaboração da tese, essas reflexões tornaram-se mais presentes, mas não pude desenvolvê-las em minha pesquisa, entendendo que ficariam para uma futura oportunidade em um novo projeto.

Procedimentos metodológicos

Motivada pela realização de trabalhos colaborativos e participativos em que a conversa (a)fiada aguça a escuta e o olhar, a proposta deste *minian* é trazer o encontro como metodologia para um processo de tecer junto. Nesta ação, coloco-me à disposição perceptiva de um contexto em comum: o cotidiano de mulheres-mães-trabalhadoras-etc e as possibilidades que nele se

³ Tradicional forma da poesia japonesa, o haikai floresceu no século XVII, com Matsúo Bashô (1644-1694). É um método que valoriza a concisão e a objetividade.

⁴ Embora o conceito de imagem-experiência pareça conter elementos que se aproximam dos conceitos de *Imagem-Movimento* e *Imagem-Tempo* de Gilles Deleuze (1925-1995), o autor traz reflexões filosóficas sobre o cinema e sua transformação - da imagem-movimento para a imagem-tempo, da linearidade para a descontinuidade - que não se aproximam do escopo desta pesquisa. A imagem-experiência não pressupõe uma análise estrutural específica da linguagem audiovisual, ela traz um viés poético acerca do trabalho de construção da imagem enquanto parte de um espaço de disponibilidade perceptiva para acolher o acontecimento.

desvelam quando se esculpe um lugar para acolher o acontecimento, tornando-o mais espesso, rugoso, acidentado. Espaço de escuta sobre cuidar de si para cuidar do outro, sobre cuidados cotidianos com a casa e o trabalho, trata-se de uma pequena aldeia poética tecida por mulheres.

Segundo a curadora e escritora Natalie Wichmann (2021), a maternidade e tudo o que ela acarreta - desde engravidar até dar à luz a criar filhos - segue um tabu para a maior parte da história da arte. Para a crítica de arte Hettie Judah (2022), a maternidade não é exclusiva de uma categoria física fixa ou identidade, “representa um tempo dedicado, cuidado emocional e físico, proteção, e um estado mental ininterrupto, o que traz à tona uma distinta forma de pensar”. Neste olhar inaugural da maternidade, uma nova versão de si é criada.

Implicações da pesquisa

A tradição judaica ressalta a força do coletivo, a importância de se rezar em minian, pois somente assim há a garantia de que as preces serão recebidas – quando as pessoas se reúnem, a espiritualidade multiplicaria-se. Tomando esse entendimento milenar do judaísmo, passei a imaginar um *minian* exclusivamente de mulheres, reinventando e atualizando tradições, e com isso, buscando encontrar nelas sentidos atrelados também a questões contemporâneas e novas formas de coletividade. Desde então, passei a perscrutar maneiras de construir situações de cura física e espiritual para o corpo deste *minian*, mas também para o corpo da terra, para o modo de vida capitalista, patriarcal e colonial em que vivemos.

Resultados

Com a realização desta pesquisa, espera-se dar visibilidade à questão da maternidade, buscando uma valorização de um trabalho não mensurado pelo modelo capitalista-patriarcal que se manifesta na própria criança (saúde, alimentação, higiene, vestuário, educação), além das camadas subjetivas relativas ao afeto, à administração das emoções e à segurança, tornando público o debate de um tema que ainda é considerado um tabu, o que acaba por complexificar e restringir a atuação das mulheres. É um trabalho que embora exija muito física, mental e emocionalmente, não tem seu devido reconhecimento - no senso comum, “mães não fazem mais do que a sua obrigação”. Nesse sentido, é importante observar que no Brasil grande parte das casas é de responsabilidade das mulheres, elas são as gestoras e cuidadoras, e muitas vezes a única referência da família.

Uma vez que o capitalismo gerou um enfraquecimento dos laços comunitários, questões em torno da maternagem e do cuidado são entendidas aqui como ato político de sororidade, trazendo o encontro como metodologia para um processo colaborativo, acrescentando outros entendimentos às pautas feministas, e buscando contribuir para uma história da arte mais inclusiva. Ao reconhecer o deslocamento subjetivo que ocorre com a maternidade um lugar propício à crítica social e um campo fértil para a arte, valorizando e afirmando outras narrativas e epistemologias, espera-se trazer contribuições à reflexão no âmbito da pesquisa acadêmica sobre a questão da maternidade na arte contemporânea.



REFERÊNCIAS

FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

JUDAH, Hettie. *How Not to Eclode Artist Mothers (and other parents)*. London: Lund Humphries/Sotheby's Institute of Art, 2022.

KOCHMANN, Sandra. O lugar da mulher no judaísmo. In: *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, PUC-SP, nº2, 2005.

PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (orgs.). *Histórias das mulheres, histórias feministas*. Antologia. São Paulo: Masp, 2019.

WICHMANN, Natalie. *Motherhood and art. Where is the solidarity?* Disponível em: https://www.schirn.de/en/magazine/interviews/2021_interview/motherhood_and_art_where_is_the_solidarity/. 2021. Acesso em 20 out. 2023.